



O eu e o outro: movimentos de compreensão da formação da pesquisadora na pandemia

Lezinete Regina Lemes¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5290-8406>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9148999487357191>

Elizangela Patrícia Moreira da Costa²

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5762-0145>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6003232461338883>

RESUMO:

A vida social do homem foi modificada recentemente em função da presença do coronavírus no mundo. Esse vírus desencadeou a pandemia da Covid-19 e levou a população mundial a isolar-se e vivenciar a quarentena domiciliar para conter a contaminação e o número de mortes. Esse isolamento, todavia, desencadeou diferentes problemas sociais, desde a violência doméstica até o não acesso ao ensino remoto emergencial. Esses fatos são o ponto de partida para se lançar um olhar reflexivo para o processo de formação da pesquisadora durante a pandemia, tomando as relações interativas vividas e constituídas em sua casa mediada pelos recursos tecnológicos.

PALAVRA-CHAVE:

Pandemia da Covid-2019;
Ensino Remoto Emergencial;
Formação da Pesquisadora;
Relações exotópicas e dialógicas.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (2009), Licenciada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso (2002). É professora Adjunta do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR).

² Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP (2016) (CNPq), com estágio-sanduiche na Universidade do Porto - Portugal (CAPES), Mestre em Estudos de Linguagem pela UFMT (2011), Licenciada em Letras pela UFMT (1995). É Professora Adjunta do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Atua nas áreas da Linguística Aplicada e Língua Portuguesa, principalmente, nos temas: Linguagem e discurso, Ensino-aprendizagem de leitura, letramento, verbo-visualidade e livros didáticos de Língua Portuguesa.

1. Introdução

Em 2020, vivenciamos as nossas vidas muito diferentes daquilo que havia sido planejado por nós em 2019. O nosso ano começou com o reconhecimento de que uma nova doença estava chegando a vários países, após a Organização Mundial de Saúde (OMS) divulgar dados referentes a essa doença, denominada de Covid-19.

A pandemia da Covid-19 deu-se a partir da confirmação da OMS, no dia 11 de fevereiro de 2020, de 42.708 casos da doença na China, com 101 mortes e de mais 393 incidências desse vírus em 24 países e uma morte, conforme fato noticiado na página da Organização das Nações Unidas (ONU). Em sua página, a ONU destacou, também, o fórum ocorrido com mais de 400 cientistas em Genebra, que buscavam compreender a ação do coronavírus para a produção de vacinas.

Nesse fórum, explicou-se a nomenclatura do vírus e, segundo a ONU, “‘Covi’ se refere ao coronavírus, o ‘d’ à doença e o número 19 representa 2019, o ano em que o vírus foi identificado pela primeira vez na cidade chinesa de Wuhan”.³ Assim, estávamos diante de um vírus que devastaria milhares de famílias em todo mundo. Neste momento em que escrevemos este artigo, já foram infectados 96.379.153 e, no Brasil, 8.523.635. Em relação ao número de mortes no mundo, já atingiu o número de 2.058.674 e no Brasil, 210.404 mortes⁴.

Esses dados da pandemia fizeram com que a população mundial, desde o ano passado, resignificasse seus modos de viver e estar em relação a si mesma e a outros com os quais partilham a vida profissional, privada, religiosa, esportiva, acadêmica e tantas outras vidas partilhadas por todos nós em diferentes esferas da atividade humana.

Todas essas vidas tiveram que ser reconstruídas a partir das nossas casas e isso nos levou a colocar em destaque a dimensão da vida vivida por nós, bem como fomos impulsionados a olhar para nós e para os outros, que, muitas vezes, eram apenas vistos como companheiros de uma jornada. Esse olhar direcionado para o que somos, como vivemos e nos relacionamos é o fio condutor das nossas reflexões diárias, quando, inicialmente, fomos obrigados a nos distanciar de todos e a vivenciar a quarentena domiciliar.

A ausência do contato físico tem sido um dos grandes dilemas vividos por nós, embora, de alguma forma, após o período de certa estabilidade da doença, voltamos

³Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/02/1703811>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

⁴Disponível em: <<https://www.coronavirus.com.br>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

a nos encontrar com algumas pessoas, precisamente nas festas de fim de ano, em pequenas reuniões com amigos e familiares, nas idas a bares e restaurantes. Esse relaxamento ocorreu, principalmente nos meses de outubro a dezembro de 2020 e no início do mês de janeiro de 2021, porque tínhamos a esperança de que a doença estava chegando ao fim, o número de contágio em processo de redução e também estávamos ansiosos por encontrar nossos amigos, familiares para dar um abraço, um aperto de mão, um sorriso.

Desse modo, esses encontros, de um lado, por alguns meses, nos alegraram e nos encheram de esperanças por dias melhores; e, por outro, causaram-nos/causam-nos medo, pois a doença voltou a crescer e está sofrendo mutações. Em razão disso, temos preterido as interações feitas em nossas casas, seja presencialmente com aqueles que residem nela, seja virtualmente, com os outros que fazem parte da nossa vida familiar, do trabalho, do estudo.

Essas interações feitas reafirmam os estudos anteriores da antropologia sobre a sociabilidade do homem. Somos seres sociais e, mesmo distantes fisicamente, estamos nos relacionando com o(s) outro(s). Gaio (2020, p. 63) faz a seguinte ponderação sobre isso: “As interações sociais presenciais tão naturais para o ser humano têm sido substituídas temporariamente por interações à distância. Mudam-se as práticas e os meios, permanecem as interações”. Seu pensamento nos leva a dialogar com as reflexões feitas por Bakhtin e o Círculo sobre a interação e a relação entre o eu e o outro.

A teoria dos pensadores russos tem como objeto de estudo a vida e a linguagem e, para isso, assume-se a concepção de linguagem como interação social para que se possa compreender o agir dos sujeitos constituídos na e pela linguagem. Logo, tem-se uma perspectiva sócio-histórica para o processo analítico para diferentes temas que envolvem a linguagem e a vida. Para Grillo (2018, p. 13), “as discussões filosóficas [feitas pelos pensadores russos] permitem uma compreensão mais ampla e consistente dos fundamentos da natureza e, conseqüentemente, dos objetos da análise da linguagem”.

Essa visão de Grillo é o caminho que buscamos para compreender nosso agir em relação ao outro que nos constitui, assumindo-se o viés sócio-histórico. Sabemos que a teoria de Bakhtin e do Círculo permite ao pesquisador das Ciências Humanas investigar a linguagem sustentada no princípio da interação verbal, pois o “eu” elabora seu dizer, que pode ser na modalidade verbal, não verbal, verbovisual, assentado no encontro realizado com o “outro”. Ademais, afirma-se que ambos os sujeitos estão vinculados a um contexto social imediato e mais amplo dessa relação enunciativa (VOLOCHINOV, 2018[1929]).

Esse encontro com o “outro” deve ser compreendido a partir da ideia de que cada um dos sujeitos envolvidos na interação social é singular, único e faz parte de um lugar social, histórico e ideológico. Para mostrar a complexidade dessa relação, não se pode perder de vista que cada um tem suas posições axiológicas em relação ao contexto sócio-histórico e ideológico do qual faz parte. Logo, essa visão deve ser o caminho para empreender uma análise para as diversas interações realizadas por nós durante o caos da pandemia da Covid-19, as quais foram vivenciadas a partir das nossas casas.

Essa vivência no lar foi feita de forma obrigatória e fomos obrigados a viver as diferentes vidas, em um mesmo espaço que, em certa medida, é tomado pela sociedade como o lugar do conforto, da paz, embora os dados sobre a violência doméstica, a separação de casais, por exemplo, refutem essa visão idealista para a casa, que é vista como um “lugar de medo e abuso” (MARQUES et al., 2020, p. 1). Para os pesquisadores Vieira, Garcia e Maciel (2020, p. 3), “desfrutar o lar como um ambiente seguro, de descanso e proteção deveria ser um direito básico garantido, mas na prática ainda é um privilégio de classe e gênero”. Essa visão pessimista e desconfortante foi sentida por muitas pessoas em várias partes do mundo, o que demonstra o quão está sendo problemática a vida confinada em casa.

Dada essa situação, lançamos nosso olhar para a nossa vivência domiciliar, buscando compreendê-la a partir do sentido de que a casa é o nosso cantinho único que nos permite afastarmos por um período dos vários outros que nos constituíram ao longo de uma jornada de um dia de vida em diferentes espaços sociais para sermos aquele “eu”, que apenas nós mesmos conhecemos, em boa medida, profundamente, quando estamos em nosso lar. Entretanto, em razão da pandemia, o “eu” passou a viver suas rotinas diversas em um mesmo lugar e isso provocou mudanças nesse indivíduo e em todos aqueles com quem passou a conviver diariamente, os membros da família, os colegas de trabalho, os amigos. Todos eles passaram a fazer a parte da casa e conheceram um pouco da vida privada, que apenas os íntimos tinham acesso.

Assim, o homem teve que se reinventar durante a quarentena para conciliar suas diferentes vidas vividas fora de sua casa. Para Santos (2020, p. 30), “a pandemia e a quarentena estão revelando que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando isso é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum”. Ainda, assevera que “esta situação torna-se propícia a que se pensem alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI” (id., *ibid.*).

É desse lugar que empreendemos nossa compreensão para a temática proposta para este dossiê: como se dá o ser/existir na pandemia e como podemos

compreendê-lo a partir do olhar bakhtiniano? Para isso, buscamos, a partir da experiência vivida por nós, refletir sobre nossa constituição como pesquisadora em nosso espaço íntimo, onde estamos vivendo a vida acadêmica e a vida privada, mediada pelos recursos tecnológicos.

Nossa reflexão está apoiada nos conceitos *relações dialógicas* e *exotopia*, de Bakhtin e o Círculo, que nos permitem lançar um olhar analítico para compreendermos nosso estar e existir em nossa casa, onde o “eu” está em um contínuo diálogo com os “outros”.

2. A Pandemia e seus efeitos sociais

A pandemia da Covid-19 alterou a vida humana em todo o planeta devido aos efeitos letais da ação do coronavírus (SARS-COV-2) no organismo humano. Essa pandemia não foi a primeira vivida pelo homem, que já vivenciou, por exemplo, a gripe suína (2009), a gripe espanhola (1918), a cólera (1826), a peste bubônica (século XIV). Todas elas fizeram milhares de vítimas durante o período em que infectaram a população mundial. Esse histórico dos efeitos de uma pandemia nos mostra que o homem ainda está suscetível a viver outras, como a que estamos vivendo atualmente.

Mesmo diante das ações letais do coronavírus, hoje dispomos de meios para agir de forma mais rápida para reduzir o número de pessoas que podem perder a vida ou ser infectadas pelo vírus. Isso pode ser visto pelas divulgações feitas pelos pesquisadores que fizeram sua parte buscando vacinas e mapeando o vírus para entender sua ação em nosso organismo para minimizar os efeitos letais da doença. Nesse processo, uma parte da população mundial, para evitar a proliferação do coronavírus, tivemos que vivenciar o isolamento social e a quarentena domiciliar a fim de controlar sua disseminação nos ambientes públicos e privados, conforme a orientação posta pelos decretos estaduais e municipais, os quais seguiram protocolos estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde⁵. Essa tomada de decisão realizada pelos gestores mostrou-se, em certa medida, eficaz, conforme dados analisados por pesquisadores de diferentes áreas, a saber: Aquino et al (2020)⁶ e Farias (2020).

Esse isolamento foi a decisão mais difícil de ser tomada, pois afetou a vida econômica, cultural e social de todos. Fazer com que todos ficassem isolados em suas casas fez com que surgissem diversos problemas sociais, a saber: aumento do número

⁵ Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/handle/10665/331299>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

⁶ Nesse artigo, há dados relevantes sobre os resultados obtidos em relação ao isolamento social e à quarenta. Disponível em: <<https://scielosp.org/article/csc/2020.v25suppl1/2423-2446/en/>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

de violência contra mulheres, maior vulnerabilidade das crianças ao abuso sexual, aumento de pessoas com depressão, baixa frequência dos alunos nas aulas on-line, aumento no número de desempregados e de fechamento de estabelecimentos comerciais. Esse cenário foi constantemente apresentado pela mídia (TOLEDO, 2020; INDIO, 2020; PEREZ, 2021; SANT'ANA, 2020; BIMBATI, 2020) e por relatórios de diversas organizações sociais (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020; UNICEF, 2020) ao longo do ano de 2020 e neste início de 2021.

Os pesquisadores Vieira, Garcia e Maciel (2020) nos apresentaram alguns desses dados referentes à violência contra mulher. Segundo eles, as mulheres brasileiras não se sentem seguras em casa, pois

no Brasil, segundo a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDH), do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), entre os dias 1º e 25 de março, mês da mulher, houve crescimento de 18% no número de denúncias registradas pelos serviços Disque 100 e Ligue 180. (VIEIRA; GARCIA; MACIEL, 2020, p. 2).

Esses fatos foram discutidos por diferentes agentes sociais, que buscaram estratégias para reduzir essa violência. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) lançou notas técnicas e boletins⁷ contendo análises e estratégias, a partir de dados coletados em diversas regiões brasileiras e fora do país, visando a auxiliar os representantes da população nas esferas federal, estadual e municipal para agirem em prol de todos e, dessa forma, minimizar os atos de violência, por exemplo, na vida das mulheres (ALENCAR et al, 2020).

Nesse processo de isolamento, todos, em certa medida, tiveram que se reinventar a fim de conseguirem vivenciar suas vidas de trabalho, de estudo, religiosa, afetiva, etc. em uma casa, por vezes juntamente com outros sujeitos moradores do mesmo espaço e com outros que adentravam esse lugar, agora, por meios tecnológicos.

A tecnologia, em boa medida, colaborou para estreitar as relações e para a realização de diversas atividades, como também modificou os sentidos dados pelo “eu” em relação aos “outros” no tocante à vida partilhada presencial e virtualmente. Essa visão de reciprocidade permitiu a nós a ressignificação da vida partilhada e a percepção da complexidade de nossas relações.

O “eu” e os “outros” fundem-se em um processo contínuo, em que as diversas vidas, agora, encontram nos usos tecnológicos o seu lugar de destaque. O “eu” e os “outros” estão conectados e integram-se de modo que um ensina o outro a vivenciar a tecnologia na sua rotina, e Bakhtin (2011[1970-1971]) nos ajuda a compreender essas

⁷ Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/portal/>>. Acesso em: 24 mar. 2021.

relações integradas entre o “eu” e os “outros”, quando faz reflexões sobre esses sujeitos da interação verbal e como eles se veem nessas relações:

A palavra do outro coloca diante do indivíduo a tarefa especial de compreendê-la (essa tarefa não existe em relação à minha própria palavra ou existe em seu sentido outro). As complexas relações de reciprocidade com a palavra do outro em todos os campos da cultura e da atividade completam toda a vida do homem (BAKHTIN, 2011[1970-1971], p. 379).

Nessas relações, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), como dissemos, tornaram-se imprescindíveis para a realização das atividades à distância entre o “eu” e os “outros”.

A mídia, desde 2020, vem apresentando diferentes situações em que as ferramentas tecnológicas foram fundamentais para a maioria da população mundial, principalmente, para as atividades de trabalho e estudo, e ajudaram uma boa parte das pessoas a terem o trabalho de volta, a exercerem diferentes atividades profissionais, a estudarem, entre outras possibilidades vividas por todos nós. Devido a isso, expressões como teletrabalho, trabalho remoto, ensino remoto, telessaúde, telemedicina, *home office*, *live*, *on-line* foram bastante usadas por todos nós, as quais representam a vida virtual vivida e partilhada com os outros. A título de ilustração, apresentamos manchetes de diversos jornais que evidenciam nossa percepção: a) Alguém me ensina a usar esse negócio? Na pandemia, crescem serviços de inclusão digital (<https://www.gazetadopovo.com.br/parana/pandemia-crescem-servicos-idosos-celepar/>); b) Aplicativo cria fila de espera virtual para bares e restaurantes evitarem aglomeração (<https://www.gazetadopovo.com.br/bomgourmet/breves/aplicativo-cria-fila-de-espera-virtual-para-bares-e-restaurantes/>); c) O uso das tecnologias no ensino remoto (<https://educacao.estadao.com.br/blogs/colegio-ofelia-fonseca/tecnologias-educacionais/>); d) O crescimento da telemedicina no Brasil durante a Pandemia (<https://www.metropoles.com/dino/o-crescimento-da-telemedicina-no-brasil-durante-a-pandemia>); e) Novas regras para o trabalho remoto são anunciadas pelo governo (<https://www.gov.br/pt-br/noticias/trabalho-e-previdencia/2020/07/novas-regras-para-o-trabalho-remoto-sao-anunciadas-pelo-governo>); f) Artesanato se reinventa durante a pandemia para manter verbas (<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/artesanato-se-reinventa-durante-a-pandemia-para-manter-vendas-1.3028499>).

Esses títulos nos levam a refletir sobre o processo de ressignificação dos sujeitos em relação às suas atividades e ao valor que lhes foram dados pelos estudantes, pelos trabalhadores, pelos empresários. Para Gaio (2020, p. 59),

a crise fez com que empresas e órgãos públicos, na medida do possível, alterassem seus processos de trabalho e adiantassem seus prováveis planos de aumentar o número de trabalhadores remotos. O motivo, claro, não era evitar o contato, e o possível contágio, entre os funcionários, mas reduzir custos. Portanto, o processo foi agilizado.

Esse ponto de vista apresentado por Gaio é verdadeiro à medida em que observamos que alguns setores se beneficiaram com o trabalho remoto. Todavia não podemos perder de vista que houve impactos emocionais nos trabalhadores, quando viram que suas vidas, privada e profissional, estavam fundidas em um mesmo espaço social. Acreditamos que a resolução disso está sendo feita de forma gradativa, pois é preciso que as empresas e os setores públicos deem toda assistência aos seus funcionários para não deixarem que eles fiquem mais doentes.

Outro dado relativo às interações virtuais diz respeito ao ensino remoto, o qual foi amplamente discutido por diferentes agentes sociais até a divulgação da Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020, do Ministério da Educação, após o consentimento do Conselho Nacional da Educação (CNE), autorizando as instituições escolares do ensino superior e básico a ofertarem as aulas on-line, denominado Ensino Remoto Emergencial (ERE). Consoante Santos et al. (2020, p. 110), O ERE

exigiu do corpo docente e dos gestores educacionais uma rápida tomada de decisão para continuar a efetivar o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, bem como adaptar-se à utilização de tecnologias digitais para um viés didático-pedagógico.

Quando fora deliberado o ERE, para muitos, foi um alívio, pois poderiam retomar as atividades de ensino; já para outros, foi um desafio, devido à ausência de formação para lidar com as ferramentas educacionais, à falta de infraestrutura tecnológica, desde sinal de *internet* a materiais pedagógicos e eletrônicos para serem usados em casa para a realização das atividades a serem elaboradas pelos professores e pelos alunos também. Isso é posto por Santos et al. (2020, p. 110), quando dizem que “a imposição do distanciamento para a prevenção da vida, evidenciou assimetrias e desigualdades já conhecidas no Brasil. Entre elas, destacamos a dificuldade de acessibilidade aos recursos tecnológicos e à *internet* por parte da população”. Ainda sobre a não acessibilidade, Dias e Pinto (2020, p. 546) pontuam:

Há ainda outros obstáculos graves, especialmente para alunos e professores mais empobrecidos, muitos deles localizados na periferia das grandes cidades ou na zona rural. Faltam computadores, aparelhos de telefonia móvel, software e *Internet* de boa qualidade, recursos imprescindíveis para um EaD que resulte em aprendizagem.

Essa percepção sobre o ERE nos toca profundamente, pois essa realidade fora vivida por muitos e esses problemas não foram resolvidos, aumentando, assim, as diferenças sociais e deixando muitos cidadãos brasileiros sem acesso ao conhecimento, aos seus direitos como cidadãos brasileiros. Sentir-se no lugar deles é sentir o desalento, a falta de esperança, a desigualdade pulsar em suas vidas cotidianas.

Em relação a esse sentir, Bakhtin (2011[1922-1924]) nos apresenta reflexões sobre colocar-se no lugar do outro e vivenciar a vida do outro para compreender a visão de mundo desse outro e da nossa também. Assim, podemos dizer que “ao olharmos para nós mesmos com os olhos do outro, na vida sempre tornamos a voltar para nós mesmos, e o último acontecimento, espécie de resumo, realiza-se em nós nas categorias da própria vida” (BAKHTIN, 2011[1922-1924], p. 14). Desse modo, embora estejamos em uma posição social que nos permita o acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação, nós nos solidarizamos com toda essa precariedade vivida por esses sujeitos e nos impulsiona a lutar cada vez mais por melhorias na educação brasileira, assumindo nosso papel social, lutando por mais políticas públicas que possam minimizar essa carência e falta de acesso às TIC.

Assumir essa visão exotópica é valorar meu ponto de vista, bem como desses sujeitos que se encontram desamparados, a fim de dar outro acabamento respondendo ativamente à compenetração vivenciada. Dessa maneira,

quando me compenetro dos sofrimentos do outro, eu os vivencio precisamente como sofrimentos *dele*, na categoria do outro, e minha reação a ele não é um grito de dor e sim uma palavra de consolo e um ato de ajuda. Relacionar ao outro o vivenciado é condição obrigatória de uma compenetração eficaz e do conhecimento tanto ético quanto estético (BAKHTIN, 2011[1922-1924] p. 24-25, grifo do autor).

Esse olhar exotópico também é assumido por Nóvoa (2020), quando fala sobre essa dualidade vivida por todos nós em relação ao ensino-aprendizagem e dá destaque aos valores que surgiram durante o ERE.

[...] de um modo geral, ninguém estava preparado para esta situação e a avaliação que, hoje, já podemos fazer revela aspectos negativos, como as desigualdades e o empobrecimento pedagógico, mas também positivos, como a ligação com as famílias e a inventividade de muitos professores (NÓVOA, 2020, p. 8).

O pesquisador nos faz refletir sobre o papel social dos professores no tocante ao desenvolvimento das atividades de ensino e como eles foram imprescindíveis para a efetivação das aulas remotas. Eles tiveram que, primeiramente, acolher seu alunado a fim de criar um cenário que pudesse minimizar a ausência do estar junto fisicamente. Ao estarmos juntos, também, o abraço, o aperto de mão, o beijo no rosto, o diálogo face a face e o riso constituem nosso agir em relação ao outro. Essas trocas de sentimentos e afagos agora são realizadas virtualmente e foi muito tenso para todos, alunos e professores, seja do ensino básico, seja do ensino superior.

Em relação a isso, nós nos incluímos nesse sentir, pois fizemos nosso primeiro ano do nosso doutorado no formato Ensino Remoto Emergencial. A pesquisadora está sendo formada a partir do seu lar, situação ímpar para nossa vivência formativa, uma vez que este momento casa sempre ocorreu após um período de vivência no espaço da Universidade. Nossa casa era tomada como o espaço do descanso, bem como para estudos complementares, e vê-la agora como o lugar onde estamos construindo nosso conhecimento para atuarmos como pesquisadoras em nossas instituições de ensino tem sido desafiador.

A pesquisadora constitui-se a partir de suas interações com os outros, os quais são representados pela família, pelos amigos, pelos colegas da pós-graduação, pelos professores das disciplinas e pela presença da orientadora. Ao analisarmos o envolvimento desses sujeitos em nossa formação, observamos que as interações vividas neste primeiro ano do doutorado nos ajudaram a perceber a importância do outro e a colocarmo-nos em seus lugares, a fim de compreendermos o papel de cada um para assumirmos nossa posição de pesquisadora neste espaço íntimo, chamado casa.

3. A pesquisadora e sua relação com os outros

A pesquisadora, ao longo de 2020, vivenciou momentos únicos no tocante à sua vida privada e acadêmica. O seu processo de formação tinha como data inicial 06 de abril, quando iríamos para a cidade de Cáceres cursar as disciplinas do primeiro semestre na Universidade do Estado de Mato Grosso, no Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Estávamos muito entusiasmadas com o início do ano letivo e, ao mesmo tempo, receosas, pois, talvez, as aulas não iniciariam, devido ao avanço do coronavírus em nosso estado e no restante do país. Todo esse processo inicial foi sendo percebido pelo sentimento da frustração e do medo, sentíamos que as aulas não ocorreriam, conforme o planejamento acadêmico da instituição e da pesquisadora para vivenciar

seu primeiro ano de doutorado, pois os casos de pessoas com Covid-19 estavam aumentando e, desse modo, a melhor alternativa era suspender as aulas presenciais.

Nesse momento, embora haja a frustração da não ida ao espaço da formação, a pesquisadora coloca-se no lugar de seus pares e colegas para compreender a situação em que estamos vivendo. Reconhecer a necessidade do isolamento social e da quarentena domiciliar é fundamental para a construção do sujeito pesquisador, pois somos uma pequena parte da população que tem a possibilidade de fazer parte de um seleto grupo de pesquisadores ligados a áreas diversas dos estudos científicos e acadêmicos. É reconhecer, também, que os dados apresentados por outros pesquisadores e por cientistas renomados nos responsabilizavam, pois, se negássemos as orientações dadas por eles, estaríamos dizendo não a tudo que já tinha sido investigado até o momento, era dizer não ao conhecimento científico.

Em relação à nossa visão exotópica, dialogamos com o pensamento de Bakhtin (2011[1920-1924]), que nos mostra caminhos para entendermos nossa vivência durante esta pandemia da Covid-19:

Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível reduzir a mínimo essa diferença de horizonte, mas para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em um todo único e tornar-se uma só pessoa (BAKHTIN, 2011[1920-1924], p. 21).

Todo esse processo de compreensão modificou nosso eu e a nossa relação com os outros, ao passo em que nos fez entender que a nossa formação como pesquisadora dar-se-ia de forma singular e deveríamos começar a repensar e a ressignificar nossa visão sobre o processo de formação. No tocante a esse processo de mudanças, Bakhtin (2011[1970-1971], p. 378) nos diz:

O sujeito da compreensão não pode excluir a possibilidade de mudança e até de renúncia aos seus pontos de vista e posições já prontos. No ato da compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento.

Desse modo, reconhecemos que diferentes sujeitos participaram do nosso processo formativo e nos constituíram ao longo da nossa formação como pesquisadora e estiveram presentes em nossa casa, onde vivemos e estamos assumindo papéis diferentes em determinado tempo por nós definidos a fim de conciliar a vida acadêmica e a privada.

Diante disso, dialogamos com o texto “Apontamentos de 1970-1971”, publicado na obra *Estética da Criação Verbal*, por Bakhtin (1970-1971). Nesse texto, ele escreveu reflexões sobre temas diversos e, dentre eles, destacam-se o **enunciado e as relações**

dialógicas para mostrar como o sujeito relaciona-se com o mundo, com o objeto e com outros sujeitos. Para isso, o autor apresenta esta tríade para falar das relações:

- 1) Relações entre os objetos: entre coisas, entre fenômenos físicos, químicos; relações causais, relações matemáticas, lógicas, linguísticas etc.
- 2) Relações entre o sujeito e o objeto.
- 3) Relações entre os sujeitos – relações pessoais, relações personalistas: relações dialógicas entre enunciados, relações éticas etc. Aí se situam quaisquer vínculos semânticos personificados. As relações entre consciências, verdades, influências mútuas, a sabedoria, o amor, o ódio, a mentira, a amizade, o respeito, a reverência, a confiança, a desconfiança etc. (BAKHTIN, 2011[1970-1971], p. 374).

Nessa tríade, Bakhtin mostra que, nas posições 1 e 2, o sujeito encontra-se em atitude monológica, em que o outro não tem importância no processo e os aspectos contextuais não são levados em consideração. Na posição 3, observa-se que a valoração é dada para o encontro entre o “eu” e o “outro”, o qual acontece em diferentes contextos sociais. Este fato reafirma que os encontros estabelecidos entre os sujeitos estão marcados pela visão social, dialógica, logo para compreender **enunciado e relações dialógicas** deve-se partir desse princípio teórico. Bakhtin é pontual quando fala desse encontro ao dizer sobre “as relações dialógicas entre enunciados”.

Entende-se que o dizer do “eu” e do “outro” encontra-se interligado na corrente discursiva da qual fazem parte. Por essa razão, os enunciados produzidos ligam-se ao momento presente, ao passado e àqueles que ainda serão produzidos, pois o sujeito que enuncia sempre terá “o outro” em seu projeto discursivo. Isso pode ser visto também em um monólogo, pois o sujeito enuncia sozinho para as vozes que estão na sua memória discursiva e com quem faz vários diálogos, aceitando e refutando o que lhe vem em seus pensamentos, em suas memórias.

Essa reflexão bakhtiniana nos leva a analisar as situações por nós vividas durante a pandemia e as relações interativas realizadas virtualmente. Nós, durante o isolamento, sentimos a presença desses outros em nossas imersões internas, quando começávamos a nos lembrar do quanto esses outros são importantes em nossas vidas. Cada lembrança enunciava um repertório de sentidos, de valorações que se entrecruzavam, mostrando que nossas vidas só ganham cores pelas diversas relações interativas realizadas por nós com os outros, pois “a mim não são dadas as minhas fronteiras temporais e espaciais, mas o outro me é dado integralmente. Eu vivo em mundo espacial, neste sempre se encontra o outro” (BAKHTIN, 2011[1970-1971], p. 383).

Considerando as fronteiras temporais e espaciais, nós, como pesquisadoras, as sentimos e, em função do ensino remoto emergencial, em nosso processo formativo, observamos que elas nos ajudaram a definir nosso lugar em nossa casa para que pudéssemos assumir nosso papel de pesquisadoras em formação para desenvolvermos as atividades desse lugar social. Para isso, a relação com os outros pares dessas atividades foram imprescindíveis para a constituição desse eu-pesquisadora, bem como com os familiares que, em certa medida, compreenderam a necessidade de nos isolarmos temporariamente para realizar as atividades de leitura e escrita para a produção de textos para as disciplinas por nós cursadas, para a apresentação de trabalhos e de nosso projeto de pesquisa, para os encontros de orientação.

Esses fatos nos mostram o quão foi tenso este primeiro ano do doutorado, pois, de um lado, estavam os compromissos com a vida acadêmica e, de outro, com a vida privada. Isso nos provocou a nos situar em relação ao valor dado por nós para essas vidas que nos constituem e como elas estão interligadas, pois os “outros” que fazem parte delas estão em nós e nos motivam para conseguirmos realizar o curso de doutoramento. Desse modo, “o tom não é determinado pelo conteúdo concreto do enunciado ou pelas vivências do falante mas pela relação do falante com a pessoa do interlocutor (com sua categoria, importância, etc.)” (BAKHTIN, 2011[1970-1971], p. 391).

A valoração do outro em nossas vidas a todo momento era proferida por todos nós durante nossas aulas e sempre dizíamos como a aula presencial seria fundamental para a construção dos saberes acadêmicos que estavam sendo elaborados por todos. O diálogo com os professores seria outro, pois poderíamos fazer outras trocas, o olho no olho oportunizaria outros tipos de experiências e isso a todo momento fora enunciado por nós, pelos nossos colegas da pós-graduação e pelos professores, que também queriam ter tido o ensino presencial. Todavia entendíamos que o momento atual não nos permitiu o contato físico, viver a universidade presencialmente.

Nesse cenário do ensino remoto emergencial, a todo momento, na construção do nosso saber científico e acadêmico, o cenário mundial e o nacional, no tocante ao avanço da Covid-19, também fizeram parte de nossas reflexões. Estudávamos, mas não deixávamos de nos afetar pelas dores e pelos sofrimentos causados pelo vírus.

Nossa formação de pesquisadores, então, está assentada na visão exotópica, pois, ao assumirmos a perspectiva sócio-histórica e ideológica e a concepção de linguagem como interação social, acreditamos que o todo do acabamento do nosso dizer (escrito ou oral) está sedimentado na relação com os “outros”, pois acreditamos que

esse *excedente* da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – *excedente* sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituibilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim (BAKHTIN, 2011[1922-1924], p. 21, grifo do autor).

Ao analisarmos esse distanciamento entre o “eu” e o “outro”, pela perspectiva do sentir, pudemos compreender nosso sentir em relação à vida de outros no que se refere à contaminação pelo coronavírus, pois também fomos vítimas dessa doença em junho de 2020 e podemos dizer que foi muito angustiante e, por certo momento, paramos de estudar, pois nos vimos frágeis, cercados de medo e por sentir a ideia da morte. Essa vulnerabilidade era tão forte e passamos a nos imaginar como mais um caso de morte a ser enviado aos dados oficiais do governo.

Nós nos sentíamos parte de todos os fatos noticiados pela mídia, pois, agora, o sentir era diferente, uma vez que estávamos no mesmo lugar de muitos outros. Nossa saúde não ficou muito debilitada como a de muitos, mas foi o suficiente para ressignificarmos nossos valores em relação às nossas vidas e aos outros que fazem parte delas. Esse redimensionamento feito por nós, leva-nos a dialogar com Bakhtin, quando reflete sobre a criação artística e aborda a teoria do horizonte e do ambiente. Em nosso entendimento, seu pensamento nos permite compreender as situações por nós vividas. Para ele,

é possível uma dupla combinação do mundo com o homem: de dentro deste, como seu *horizonte*, e de fora, como seu *ambiente*. De dentro de mim, no contexto de valores e sentidos de minha vida, o objeto a mim se *contrapõe* como objeto de propósito dessa mesma vida (ético-cognitivo e prático); aqui ele é um elemento do acontecimento único, singular e aberto da existência, do qual participo com interesse forçado em seu desfecho. De dentro de minha participação real na existência, o mundo é um horizonte da minha consciência atuante, operante (BAKHTIN, 2011[1922-1924], p. 88-89 – grifo do autor).

Bakhtin é grandioso em nos mostrar como nosso existir dá-se no mundo e como a concebemos, bem como seus efeitos em nós. Desse modo, minha vivência com a doença foi única para mim e saber controlar seus efeitos foi um caminho que fizemos para dar um acabamento necessário e continuar a minha existência, pois “o acontecimento da minha existência é aberto em seu todo; minha situação deve mudar a todo momento, eu não posso demorar ou ficar em repouso” (BAKHTIN, 2011[1922-1924], p. 89).

Assim, passada a fase da nossa vivência e sobrevivência à Covid-19, o processo formativo da pesquisadora precisava continuar em meio ao caos pandêmico, pois nosso existir está ligado a cumprimento de prazos, os quais devem ser seguidos, uma

vez que está ligado a outros sujeitos. Trata-se de um viver já instituído socialmente, que demanda, também, um olhar para a naturalização dessas cobranças em nosso existir acadêmico.

Em síntese, o nosso processo formativo instaurou-se em nossa casa e fomos construindo nosso aprendizado, convivendo com outros sujeitos, nesse caso, os familiares, amigos, colegas e professores da pós-graduação e a orientadora, e cada um contribuiu com suas vivências em nosso existir.

4. Palavras finais

As nossas vidas estão diferentes e daqui para frente seremos outros sujeitos, pois a vivência conflituosa de nosso existir no ano passado e neste início de 2021 é o caminho para pensarmos nossas atitudes perante a vida e aos outros que nos constituem.

Dessa forma, dialogamos com Bakhtin, para quem

o excedente de visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge que o excedente de minha visão complete o horizonte do outro indivíduo contemplando sem perder a originalidade deste (BAKHTIN, 2011[1922-1924], p. 23).

Dar relevo aos outros a partir das relações vivenciadas com todos e se colocar em seus lugares é imprescindível para sermos mais solidários com outros e percebermos que nosso existir está imbricado com nossas trocas diárias com outros sujeitos. Desse modo, sem a presença física deles, abre-se uma lacuna, que é só fechada quando estamos juntos, no abraço, no aperto de mão, no sorriso, ou seja, é na alteridade que nos constitui.

Referências

ALENCAR, Joana et al. **Políticas públicas e violência baseada no gênero durante a pandemia da Covid-19: ações presentes, ausentes e recomendadas**. Nota Técnica. IPEA, n. 78, junho 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200624_nt_disoc_78.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2021.

AQUINO, Estela M. L. et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos no Brasil. In: **Ciência & Saúde Coletiva**, 25 (Supl. 1), n.05, junho, 2020, p. 2423-2446. Disponível em: <<https://scielosp.org/article/csc/2020.v25suppl1/2423-2446/en/>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

BAKHTIN, Mikail M. (1922-1924). O autor e a personagem. In: BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. Traduzido por Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 3-20.

_____. O excedente de visão estética. In: BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. Traduzido por Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 21-24.

_____. O todo espacial da personagem e do seu mundo. Teoria do “horizonte” e do “ambiente”. In: BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. Traduzido por Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 84-90.

_____. (1970-1971). Os apontamentos de 1970-1971. In: BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. Traduzido por Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 367-392.

BARBOSA, Marina. Correio Braziliense. **Pandemia faz o desemprego bater recorde no Brasil:** taxa chega a 14,4%. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2020/10/4885870-pandemia-faz-o-desemprego-bater-recorde-no-brasil-taxa-chega-a-144.html#:~:text=A%20crise%20causada%20pelo%20novo,no%20trimestre%20encerrado%20em%20agosto>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 5**, de 28 de abril de 2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília: DF, 2020. D.O.U. de 01/06/2020, Seção 1, Pág. 32. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/despacho-de-29-de-maio-de-2020-259412931>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

_____. Ministério da Educação. **Portaria nº 544**, de 16 de junho de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. Brasília: DF, 2020. D.O.U. de 17/06/2020, Seção 1, Pág. 62. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

BIMBATI, Ana Paula. **Abandono dos estudos na pandemia:** desafios de acesso, comunicação e engajamento dos alunos. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/19789/abandono-dos-estudos-na-pandemia-desafios-de-acesso-comunicacao-e-engajamento-dos-alunos>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. A Educação e a Covid-19. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**. Rio de Janeiro, v. 28, n. 108, jul./set. 2020, p. 545-554. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362020000300545&tlng=pt>. Acesso em: 12 jan. 2021.

FARIAS, Heitor Soares de. O avanço da Covid-19 e o isolamento social como estratégia para redução da vulnerabilidade. **Espaço e Economia - Revista Brasileira de Geografia Econômica**, ano IX, n. 17, 2020. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/espacoeconomia/11357>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19**. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/04/violencia-domestica-covid-19-v3.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2021.

GAIO, Mario Luis Monachesi. Estamos mesmo em isolamento social? Interações comunicativas através de meios digitais em tempos de pandemia. **Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem**, 2020, v. 6, n. 3, p. 56-72. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/34512>>. Acesso em: 6 jan. 2021.

GRILLO, Sheila. Ensaio introdutório. In: VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Traduzido por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 7-82.

INDIO, Cristina. **No Rio, crime de violência contra a mulher aumentou 10% na quarentena**. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/no-rio-crime-de-violencia-contra-mulher-aumentou-10-na-quarentena>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

MARQUES, Emanuele Souza et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela Covid-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Caderno de Saúde Pública**, 2020, 36(4). Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00074420>>. Acesso em: 6 jan. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Considerações para quarentena de indivíduos no contexto de contenção para doença coronavírus (COVID-19)**: orientação provisória, 29 de fevereiro de 2020. Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/handle/10665/331299>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

SANTOS, Guilherme Mendes Tomaz et al. Educação superior: reflexões a partir do advento da pandemia da Covid-19. **Boletim de Conjuntura**, Boa vista, ano III, v. 4, n. 10, 2020. Disponível em: <<http://doi.org/10.5281/zenodo.4073037>>. Acesso em: 07 jan. 2021.

PEREZ, Fabíola. **Abusos contra crianças crescem até 12 vezes na pandemia em São Paulo**. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/abusos-contra-criancas-crescem-ate-12-vezes-na-pandemia-em-sao-paulo-10032021>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

PORTO, Gabriella. **Pandemia**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/doencas/pandemia/>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

SANT'ANA, Jéssica. **Prolongar quarentena vai aumentar falência e desemprego, alerta Ministério da Economia**. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/prolongar-quarentena-vai-aumentar-falencias-e-desemprego-alerta-ministerio-da-economia/>>. Acesso

SILVA, Enid R. A. da; OLIVEIRA, Valéria Rezende. **Proteção de crianças e adolescentes no contexto da pandemia da Covid-19: consequências e medidas necessárias para o enfrentamento**. Nota Técnica. IPEA, n. 70, maio, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200522_nt_disoc_n_70.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2021.

TOLEDO, Eliza. **O aumento da violência contra a mulher na pandemia de Covi-19: um problema histórico**. Disponível em: <<http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1781-o-aumento-da-violencia-contra-a-mulher-na-pandemia-de-covid-19-um-problema-historico.html#.YFpMHtKSIPY>>. Disponível em: 23 mar. 2021.

UNICEF. **Covid-19: Pelo menos um terço das crianças em idade escolar não consegue acessar o ensino a distância durante o fechamento das escolas, diz novo relatório do UNICEF**. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-pelo-menos-um-terco-das-criancas-em-idade-escolar-nao-consegue-acessar-ensino-a-distancia>>. Acesso em: 24 mar. 2021.

VOLOCHINOV, V. (1929). Língua, linguagem e enunciado. In: VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Traduzido por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2018, p. 173-200.



The self and the other: understanding a researcher's education process during the Covid-19 pandemic

ABSTRACT:

Social life has been recently changed due to the presence of the coronavirus in the world. This virus triggered off the Covid-19 pandemic and led the population to isolate themselves, facing home quarantine in order to stop contamination and lower the death rate. This isolation, however, has caused different social problems, from domestic violence to the lack of access to the emergency remote education. These facts are a starting point to a reflective analysis of the researcher's process of education during the pandemic, based on the interactive relationships experienced and constituted at home, mediated by technological resources.

KEYWORDS:

Covid-19
Pandemic;
Emergency
remote education;
Researcher's
education;
Exotopic and
dialogical
relationships.